JE RENTRE À LA MAISON / VOU PARA CASA 2001

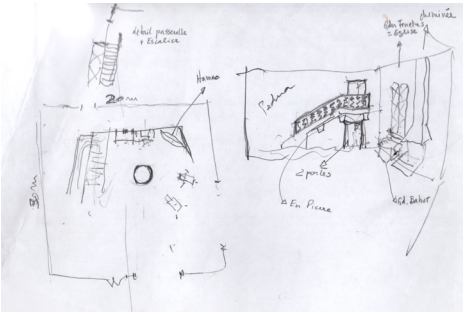
Realização, argumento e diálogos: Manoel de Oliveira
Direção de fotografia: Sabine Lancelin
Direção artística: Yves Fournier
Guarda-roupa: Isabel Branco
Caracterização: Emmanuelle Fèvre
Som: Henri Maïkoff
Misturas sonoras: Jean-François Auger
Efeitos sonoros: John Fewell
Música: Excertos do Prelúdio da ópera *Lohengrin* de Richard Wagner, da *Valsa op. 69 nº 1* em Lá Bemol maior de Frédéric Chopin e das canções francesas *Le Pont Mirabeau* e *Sous le Ciel de Paris*
Consultor literário: Jacques Parsi
Anotação: Júlia Buísel
Montagem: Valérie Loiseleux
Interpretação: Michel Piccoli (Gilbert Valence), Antoine Chappey (George, o agente), Jean Koeltgen (Serge, o neto de Gilbert), John Malkovich (John Crawford), Leonor Baldaque (Sylvia/ Miranda), Leonor Silveira (Marie), Catherine Deneuve (Marguerite), Ricardo Trêpa (um guarda e um espírito), Jean-Michel Arnold (o médico), Adrien de Van (Ferdinand), Sylvie Testud (Ariel), Andrew Wale (Stephen), Robert Dauney (Haines), Isabel Ruth (a leiteira), etc.
Produção: Paulo Branco para a Madragoa Filmes, Gemini Films e France 2
Diretor de produção: Philippe Rey
Cópia: 35mm, cor
Duração: 90 minutos
Estreia mundial: Festival de Cannes, maio de 2001.
Estreia em Portugal: Cinemas Fonte Nova e King, a 21 de setembro de 2001.

Fotogramas do filme *Je rentre à la maison / Vou Para Casa* (2001) de Manoel de Oliveira.

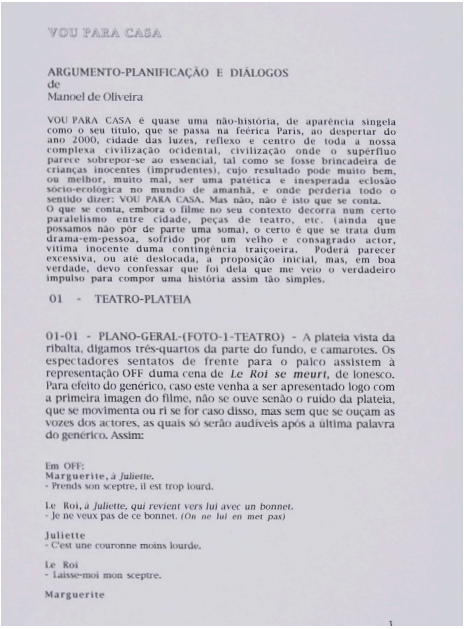
Je rentre à la maison é, no fundo, uma parábola que, quase não tendo história, pretende sugerir, diria melhor insinuar, uma situação de catástrofe para onde o mundo caminha e de que ou as pessoas tranquilamente se alheiam ou de que por ignorância se não dão conta. Pessimismo meu? Imprudência dos cientistas e dos governantes? Cegueira do lucro? Tudo pode ser, mas a natureza não se compadece com nenhuma delas. A história que quase o filme não tem atravessa uma série de desastres acidentais de que temos notícia, mas não são mostrados, à excepção fundamental – o falhanço inesperado dum velho grande actor que na minha mente figura, de um modo longínquo, a velha Europa. Digo na minha mente, porque duvido que venham a entender como tal o trágico momento que se esconde por detrás duma panóplia de enganadoras manifestações feéricas da passagem do milénio. Paciência. Sei que não verão este intento mais fundo, mas ficará a aparência do mais evidente. Tudo se passa em Paris ao abrir do ano 2000, o lado feérico deste momento, princípio duma hecatombe anunciada no centro da capital cultural do mundo, que Paris ainda é. A propósito, li em *Fugas* o seu artigo bem diverso do meu filme, sobre Paris, "como Paris fosse a eternidade absoluta". Mesmo que não tenha tido essa intenção, não deixa de ser também um aviso.

Manoel de Oliveira
(excerto de carta de Manoel de Oliveira a Eduardo Prado Coelho, Porto, 18 de dezembro de 2000 – Arquivo Manoel de Oliveira, Fundação de Serralves).

Misterioso, sim, efectivamente misterioso aquele longuíssimo grande plano em que o



Estudo de cenografia e fotograma do filme *Je rentre à la maison / Vou Para Casa* (2001), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira — Fundação de Serralves.



VOU PARA CASA

ARGUMENTO-PLANIFICAÇÃO E DIÁLOGOS
de
Manoel de Oliveira

VOU PARA CASA é quase uma não-história, de aparência singela como o seu título, que se passa na feérica Paris, ao despertar do ano 2000, cidade das luzes, reflexo e centro de toda a nossa complexa civilização ocidental, civilização onde o supérfluo parece sobrepor-se ao essencial, tal como se fosse brincadeira de crianças inocentes (imprudentes), cujo resultado pode muito bem, ou melhor, muito mal, ser uma patética e inesperada eclosão sócio-ecológica no mundo de amanhã, e onde perderia todo o sentido dizer: VOU PARA CASA. Mas não, não é isto que se conta.
O que se conta, embora o filme no seu contexto decorra num certo paralelismo entre cidade, peças de teatro, etc. (ainda que possamos não pôr de parte uma soma), o certo é que se trata dum drama-em-pessoa, sofrido por um velho e consagrado actor, vítima inocente duma contingência traiçoeira. Poderá parecer excessiva, ou até deslocada, a proposição inicial, mas, em boa verdade, devo confessar que foi dela que me veio o verdadeiro impulso para compor uma história assim tão simples.

01 - TEATRO-PLATEIA

01-01 - PLANO-GERAL-(FOTO-1-TEATRO) - A plateia vista da ribalta, digamos três-quartos da parte do fundo, e camarotes. Os espectadores sentados de frente para o palco assistem à representação OFF duma cena de *Le Roi se meurt*, de Ionesco. Para efeito do genérico, caso este venha a ser apresentado logo com a primeira imagem do filme, não se ouve senão o ruído da plateia, que se movimenta ou ri se for caso disso, mas sem que se ouçam as vozes dos actores, as quais só serão audíveis após a última palavra do genérico. Assim:

Em OFF:
Marguerite, *à Juliette.*
- Prends son sceptre, il est trop lourd.

Le Roi, *à Juliette, qui revient vers lui avec un bonnet.*
- Je ne veux pas de ce bonnet. *(On ne lui en met pas)*

Juliette
- C'est une couronne moins lourde.

Le Roi
- Laisse-moi mon sceptre.

Marguerite

1

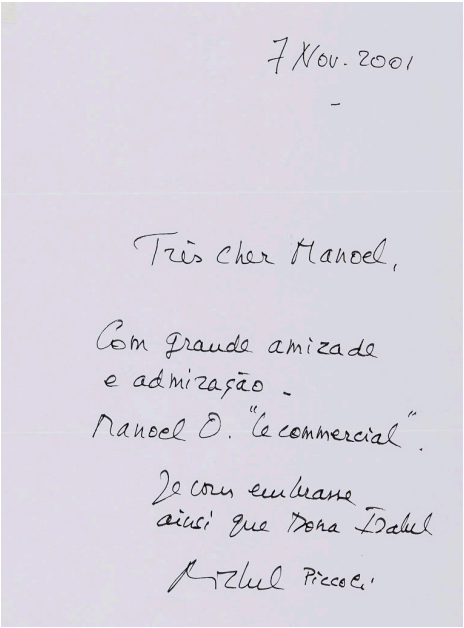
Primeira página do Argumento do filme *Je rentre à la maison / Vou Para Casa* (2001), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira — Fundação de Serralves.

realizador americano (John Malkovitch) assiste ao primeiro dia da infrutífera rodagem do seu filme a partir do *Ulisses* de Joyce. Quase não vemos o que ele filma, apenas lampejos da cena, estamos imenso tempo com o rosto imperscrutável dele.

Mas sabemos – até porque, mesmo antes de entrarmos na sala, o título o anunciou e já vamos com mais de uma hora de filme sem que tal ocorra – que o importante se está a passar do lado de cá da câmara, ao nosso lado, portanto. E não vemos. Ouvimos correções de texto, pequenas hesitações, erros. E daqui a nada percebemos que foi o momento da grande nebulosa, em que pressão e capacidade de resposta impedem a vida, sabemos que a morte ronda, depois da viuvez, sabemos que começou finalmente o epílogo. Mas só vimos o eco, estilhaços.

Estranho filme este, lindo filme, em que parece nunca estarmos no lugar certo, ouvimos conversas telefónicas importantes, ficando a câmara (e nós com ela) ao alto das escadas, ficamos nos bastidores, entre os três arautos da morte, vemos a vítima escapar-se, estamos do lado de cá da montra quando a acção se passa na rua, estamos na rua quando a acção se passa no interior do café, é como uma comédia de sombras, caverna de onde suspeitamos mas não vemos a valsa, apenas o corpo de Piccoli que desenha o balancear, primeiro traço.

E sabemos que nos estão a falar daquele desconhecido que receamos, a falar do fim da vida, o título anunciou isso. E a primeira peça de teatro que longamente é filmada, *O Rei está a morrer* de Ionesco, com as suas tiradas explícitas sobre a injustiça da partida ("se é para morrer, porque nos fizeram nascer?", etc.).



7 Nov. 2001

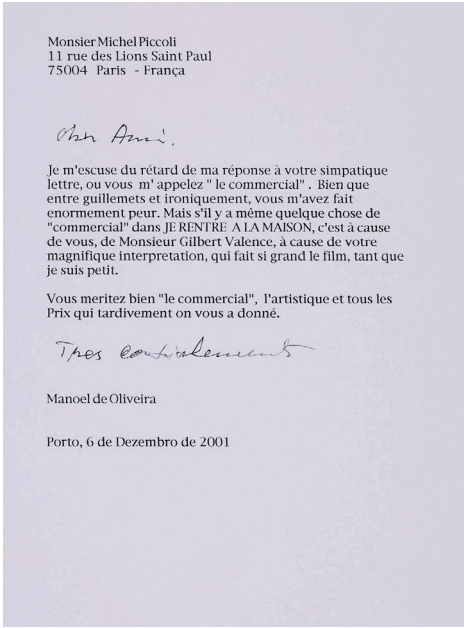
Très cher Manoel,

Com grande amizade
e admiração -
Manoel O. "le commercial".

Je crois embrasse
aussi que Dona Isabel

Michel Piccoli

Cartão do ator Michel Piccoli a Manoel de Oliveira a respeito do filme *Je rentre à la maison / Vou Para Casa* (2001), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira — Fundação de Serralves.



Monsier Michel Piccoli
11 rue des Lions Saint Paul
75004 Paris - França

Cher Ami,

Je m'escuse du rétard de ma réponse à votre simpatique lettre, ou vous m' appelez " le commercial" . Bien que entre guillemets et ironiquement, vous m'avez fait enormement peur. Mais s'il y a même quelque chose de "commercial" dans JE RENTRE A LA MAISON, c'est à cause de vous, de Monsieur Gilbert Valence, à cause de votre magnifique interpretation, qui fait si grand le film, tant que je suis petit.

Vous meritez bien "le commercial", l'artistique et tous les Prix qui tardivement on vous a donné.

Tres cordialement

Manoel de Oliveira

Porto, 6 de Dezembro de 2001

Resposta de Manoel de Oliveira ao ator Michel Piccoli a respeito do filme *Je rentre à la maison / Vou Para Casa* (2001), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira — Fundação de Serralves.

Mas quase mais nada: há o deliciado passeio de táxi por uma doce cidade em melancólico esplendor (um "adeus, vida!"?), há o sorriso sempre a abrir-se no rosto transparente de Michel Piccoli.
Há, claro, o plano exuberante dos sapatos, ao lado da conversa sobre o luto e a sua eventual superação, há aquele pequeno gabinete do agente de que mal vemos um sofá e vemos conversas vazias, é como se, do mundo, apenas pudéssemos enxergar vestígios, indícios, restos, metonímias, um sorriso quase sempre, pois tudo se passa numa surpreendente doçura fora do tempo.

Estamos ao lado das decisões, resguardados.
Ou na caverna, vendo sombras?
A decisão de voltar para casa não a podemos ver. Como não podemos ver a vida que passa...
Como não podemos ver.

Podemos então pensar que este é um filme sobre o invisível? Um filme do invisível, tentação maior? Ou melhor, sobre a morte?

Eu aposto que este filme afirma que o que é invisível é a vida, esta vida de que apenas conseguimos ver pedaços, longe da frontalidade dos clássicos, longe do seu saber, frágeis e melancólicos, estamos cegos e vemos.
Como o realizador de *Ulisses* – e toda a nossa história começa quando sabemos como, durante anos e mares, Ulisses regressou a Ítaca, voltou para casa.
O que foi a vida?
Um começo de dança, um realejo, uma cama feita?
Misterioso filme, lindíssimo filme.

Jorge Silva Melo
Novembro de 2015